

Picadelas...

*A decantada «marquise»
Quando irá para o Toural?
Só quando acabar o mundo
E com elle Portugal!?...*

*Ou a «marquise» será
Um destes contos de fadas
Que conta qualquer mamã
A's filhinhas adoradas
Quando na cama são já
E não querem estar caladas?*

MOCHO.

Escolas Industriais

Subordinado ao título acima tentei eu, no último número deste jornal, mostrar ao de leve a pouca atenção, os poucos cuidados que os governos a estas escolas teem dispensado, bem como a ignorância que os nossos operarios teem da sua existencia, a necessidade de as tornar conhecidas, e ainda o atraso industrial do nosso povo.

E' este um assunto tão complexo e de tal importancia que não pôde ser tratado num simples artigo, e por isso eu me proponho falar nelle novamente, tratando-o por partes, procurando mostrar o que de bom e de mau nos pôde advir do muito ou pouco interesse que os governos por elle teem tomado.

O atraso intelectual e industrial do nosso operário, é manifesto; acredito que isso se deve, em grande parte, às lutas que durante largos anos, há séculos, trouxeram ao nosso país uma profunda desorientação; mas já lá vai tempo bastante para que possamos sacudir essas pesadas nuvens que ainda hoje parece entorpecerem-nos.

Portugal tem ainda hoje uma vida económica deploravel e contrastando-a com a da primeira dinastia temos de concluir que, relativamente, muito poucos esforços temos empregado para a melhorar.

Ninguém viu com mais nitidez a directriz desta Patria, que esse monarca que foi Diniz. Ele traçou um plano de vida nacional, que os actuais governos se quizerem fazer obra acertada, teem reatar.

Esboçou a nossa vida mental, a criação das escolas e da universidade.

Criou e desenvolveu a agricultura, empregando nesta obra toda a sciencia de um homem de estado dessa época. Impulsionou a nossa vida marítima, chamando a Portugal grandes mestres de navegação.

A vida mercantil foi impulsionada por D. Fernando, mas ainda pelo esforço enorme de D. Diniz.

Foi em suma o chefe de estado excelente, que resolveu com clareza e decisão os problemas mais importantes da nossa vida económica trazendo assim, um bem maior para a sua Patria e para o seu povo.

Deixaram decair depois os homens que se seguiram no governo desta Patria, o caminho glorioso que então trilhavamos.

A Escola Industrial

clama alto contra a incúria dos políticos e governos — Material técnico abandonado há 35 anos!

Chamamos a atenção do país para este facto escandaloso e único:—*Existem ha 35 anos na Escola Industrial de Guimarães máquinas e teares destinados ao ensino prático da fiação e tecelagem, e, como se se tratasse de sucata, para ali jaz todo esse material meio inutilizado e abandonado, enquanto o ensino da Escola não passa, à parte o desenho, do ensino livresco e teórico!*

Veiu todo este material para Guimarães, e mais algum que já foi despachado para Lisboa, quando Emídio Navarro teve a ingenuidade de, com a sua reforma, transformar o ensino técnico e profissional num laboratório e numa oficina de utilidades para as indústrias das regiões onde então as Escolas Industriais foram criadas — mas enganou-se.

O que se passa com a Escola Industrial de Guimarães é um eloquente e triste testemunho do que poderá valer o ensino técnico no país. Sim, porque é preciso acrescentar: que este formidável e vergonhoso espectáculo de relaxamento é conhecido no gabinete do Ministério do Comércio; todos os anos, ha 15 anos pelo menos, o vem recordando no seu relatório lectivo o director deste tão malquistado estabelecimento de ensino; por muitas vezes se tem occupado a imprensa deste caso; alguns ministros da respectiva pasta—Granjo, Vaz Queiroz, Nuno Simões — têm de visu observado o estado caótico desse material: já viu e lastimou a precária desventura dessas máquinas e teares o próprio director geral sr. Alvaro Coelho; chegou mesmo o ilustre funcionário, ha três anos, a escrever no «Diário de Notícias», uma carta (20-7-923),

onde prometia e garantia que esse material estava sendo convenientemente reparado para ser posto a funcionar no ano lectivo «próximo» (1924); ha dois mestres nomeados por decreto para o ensino prático que tem de ser feito com esse tão discutido e malfadado material; temos um edificio excelente, talvez único no país, com todo o caracter fabril e pedagógico; ha uma esplêndida «matéria prima», que é a nossa intensa e assimilavel população obreira—temos, enfim, tudo quanto é mister, e todos sabem que o temos, mas ninguém faz o singelo, o barato milagre de pôr em serviço as decantadas máquinas e teares que para ali jazem abandonadas, como ferro velho em armazem de sucata, ha 35 anos!

Nos tempos da monarchia dizia-se baixinho: que eram os industriais da terra que não queriam vêr em laboração as oficinas da Escola Industrial «por causa da concorrência». Tal discorrer era de curtas vistas, mas deve ter sido esse o motivo porque os políticos de então não agiam ou agiam em sentido contrário.

E agora?...

Contudo bastam 50 contos — já ha no Ministério do Comércio o orçamento — para acabar com este deploravel e criminoso espectáculo!

A. L. DE CARVALHO.

N. da R.— Este artigo, por interessante e oportuno, foi recortado com a devida vênia, do «diário lisboeta «A Tarde», cujo redactor regionalista é o nosso ilustre colaborador que o subscreve.

Tivemos apenas o esplendor de Castelo Melhor, a lucidez de Pombal e a nitidez de Mousinho, mas tudo se perdeu, na desoladora incompetencia dos homens que à frente do nosso país depois tem estado.

Hoje, como ontem, tudo por fazer, tudo em ruínas.

Temos quedas d'agua perdidas, riquezas despresadas, indústrias que não aproveitamos e que poderiam criar-se se o nosso operário tivesse uma cultura bastante para saber aproveitar e remediar tão grande mal; tudo sem expansão, enquanto os governos não indicarem, com ordem, com consciencia, o plano da ressurreição.

Para isso necessita-se criar grandes universidades técnicas, escolas de comércio, indústria e agricultura, onde todos possam adquirir os conhecimentos que desejarem e onde os nossos operários possam aprender aquilo que, muitas vezes, este ou aquêle seu colega occultou; sim, porque

os operários que alguma coisa sabem, são em geral egoistas; não são capazes de ensinar, mesmo ao operário seu amigo, um pouco dos conhecimentos que possuem.

E a Alemanha, entendendo-o assim, criou estas escolas, colhendo dentro em pouco grandes industriais, grandes químicos, grandes electricistas, commerciantes bem orientados e caixeiros viajantes exímios; e foi assim que ela, com todos estes elementos, criou a mais prodigiosa máquina de luta mercantil que há memoria.

Portugal tem, no mundo novo que se está elaborando, de se levantar tambem.

Para isso necessita-se muita tenacidade, muita sinceridade para que todos estes elementos revoltosos se homogenizem e para que esta terra, de tantos recursos, tenha, com uma bem orientada administração; o futuro grandíssimo que todos ambicionamos.—JOM.

Pios

Bombeiros

E' com a mais profunda mágoa que hoje lançamos mão da pênna para falar duma corporação que durante tantos anos foi o orgulho duma cidade.

E' natural até que seja esta a primeira vez em que, falando-se desse punhado de rapazes que não hesitam em sacrificar a própria vida pela do seu semelhante, que vão, no dizer do grande Martins Sarmento, «levar a esperança àqueles que às vezes a teem só em Deus», não se lhes teçam todos os elogios a que estão habituados, e que, aliás, sempre teem merecido. Estamos mesmo convencidos de que as nossas simples palavras de critica aos actos dos nossos bombeiros, palavras que tem a orientação pura e simplesmente o desejo de os ver corrigidos dos defeitos de que actualmente padecem para que de novo nos possamos orgulhar da existencia de tam briosa corporação, não terão entre elles o acolhimento que nós desejávamos que tivessem. Nada, porém nos levará a arripiar caminho porque se alguém se negar a aceitar como boas as nossas intenções esse alguém será obrigado a curvar-se perante a verdade inconfundível dos factos.

Posto isto, vamos ao caso.

Quando um certo número de indivíduos se agrupa para conseguir um fim determinado, todos os esforços resultarão improficuos e a causa poderá considerar-se perdida se, porventura, a desordem e a indisciplina penetram no seu seio.

Ora é precisamente destes dois males que os nossos bombeiros enfermam e dos quais necessitam de se livrar quanto antes. Os Bombeiros de Guimarães podem, se quiserem e sem grande custo, evitar que se repitam os tristes espectáculos que temos presenciado ultimamente e que não revelam, com tristeza o constatamos, aquêle espirito de isenção e sacrificio que sempre os tem notabilisado. Isto será duro de roer, mas é assim.

Poderão dizer-nos que a culpa é duma pequena parte de elementos da corporação que vê, por exemplo, nos carros motores que ela há tempos adquiriu, apenas um meio de passear, com um certo conforto, o prazer das grandes velocidades. Mas, se assim é, porque se não procede a um rigoroso inquérito e se não espurga a corporação dos tais elementos que, sendo inúteis, só servem para a envergonhar?

Não será preferível suprir a quantidade pela qualidade?

Dos comandantes dos nossos Bombeiros, duas figuras que se impõem ao respeito e admiração de toda a gente e que sempre teem dispendido o melhor do seu esforço pelo engrandecimento da sua corporação, esperamos consigam pôr termo a este estado de coisas, fazendo com que os nossos Voluntarios voltem ao caminho que tantas gerações de bombeiros teem trilhado e que os conduz ao terrível mas

Teorias curiosas

Vizela não desarma. Passados os primeiros momentos de desilusão, volta, de novo, à carga, para lhe ser criado o concelho. Todos os pretextos lhe tem servido, ou por outra: — aos interesses dos seus *amigos emancipadores*. E vêm à discussão as *rendas* de Vizela, as *contribuições* de Vizela, os *progressos* de Vizela devidos única e simplesmente à *iniciativa particular*. Vizela, no fraseado *dêles*, só contribue e de Guimarães não recebe nem *cinco reis* para as cordas do *cavaquinho*.

Mas, depois, vem o paralelo. Vizela, dizem *êles*, progride, é uma terra nova a contrastar com a *velhice* caduca de Guimarães, que em matéria de melhoramentos — e isso é verdade — tanto tem hoje como amanhã. E, agora, perguntamos nós: — como é que Vizela tem conseguido tudo isso *deslizando* todo o seu dinheiro para Guimarães?

Como é que Vizela consegue progressos *sem dinheiro* e Guimarães, rico com o seu e o dos outros, não passa de *cêpa torta*? Tudo foi conseguido pela *iniciativa particular*? Não o cremos, enquanto nos não for provado o contrário. Onde gasta, então, Guimarães todo o dinheiro que recebe?

Dizem *êles*: «ha concelhos, criados já há muito, que não rendem o que Vizela — só Vizela! — hoje rende». Sendo assim porque é que *êles* nos desejam *desviar* freguesias? Logo que Vizela — só Vizela! — se bastará a si própria porque se não constitui Vizela — só Vizela! — em concelho?

Dizem ainda *êles*: «Guimarães, para tornar mais cômoda a solução do caso, podia ter *un beau geste*, assumir uma atitude elegante, generosa, fidalga e justa: sêr ela própria a apoiar Vizela na sua reclamação». Nada mais disparatado. Pelo que se vê e observa *êles* são demasiado *generosos*. Tão *generosos* que se choram ao *vêr deslizar* o seu dinheiro para Guimarães. Mas Guimarães é justa e generosa. Se Vizela — só Vizela! — quer emancipar-se; se Vizela — só Vizela! — rende actualmente mais que alguns concelhos já criados, porque é que Vizela — só Vizela! — não vai só? Seria, na verdade, *un beau geste*.

Teorias curiosas! tão curiosas!, que os levam a afirmações que pulverizam todos os seus falsos argumentos; «Guimarães é um concelho enorme; conta umas 79 ou 80 freguesias. Se *dêsse* umas 10 ou 12 a Vizela, para o seu concelho, Guimarães ficaria rica na mesma, senhorialmente a mesma.»

Ora se Vizela — só Vizela! —

nobilíssimo dilema que é a sua divisa — «Morte ou Glória».

Bombeiros de Guimarães!

Nós não duvidamos do vosso heroísmo. Lembrai-vos, porém, que muitas vezes o heroísmo de nada vale quando não tem a guilhotina uma forte disciplina.

CORUJA.

Lutar!... Lutar!...

A população vimaranense carece de lutar permanentemente para que, aos poucos, como se observa, lhe não tirem aquilo que tanto lhe custou a entezourar.

A mocidade incumbe, de preferência, conservar-se aguerrida na brecha em prol do progresso da nossa terra. E não ria da mocidade quem dá mostras já de decadência física, que preannuncia decadência moral.

Entre nós, algo motejados por estreito golpe de vista, que, quem sabe, tem a sua origem no clima e na ancestral baboseira de costumes de que não temos tido a coragem de nos expungir, a gente moça não é encarada a sério, nem a sua obra, por mais alevantada e generosa que seja, consegue fazer pender para seu lado o fiel da balança onde se peza nas acções que vai praticando. Até, numa curiosa subversão de conhecimentos de caracter social, a cada passo surge quem anesquinhe toda a obra dessa mocidade, pela simples razão de — como é pequenino tudo isto! — dela vir e por ela ser iniciada.

O estudo do coração humano é difícil, mormente se não se tem uma natural propensão para estudos desta natureza.

Iniciados, porém, um dia nesta complicada sciência, facilmente atingiremos o porquê selvático da censura sem base, acerca das manifestações de patriotismo levadas a efeito pelos que, ainda moços, se lançam no caminho de justas vindicações a favor da terra em que nasceram.

O homem vai-se alquebrando, exaurindo de forças, apagando-se talqualmente como o sol quando se encaminha para o ocaso. Na altura em que nêle começa a desenvolver-se esta crise de aniquilamento, a sua vaidade principia também a sentir-se descaroavelmente ferida pela sagacidade, pela vivisa, pelo arrojo, pela intemperança da mocidade que

contribuisse com a soma de contos que dizem, se Vizela — só Vizela! — rende actualmente mais que alguns concelhos, se Vizela — só Vizela! — tem feito os prodígios que espalham, para que é que Vizela — só Vizela! — deseja tornar-se *herdeira* de

o rodeia, numa opressão de esmagamento de que já não pode triunfar.

E, assim, sucede que uma luta mesquinha se abre entre os que podem e os que não podem, entre os que ainda avançam ofegantes no desejo ardente de realizarem um ideal e os que, já vencidos pela fadiga, tiveram de parar, dando por finda a sua missão que também, por ventura, souberam honrar em tempos idos.

A mocidade exige, imperiosamente, que a mocidade perdoe as faltas que lhe vibre quem, nada podendo fazer, ainda pretende entorpecer-lhe a acção. Tem de seguir a sua rota sem hesitações no louvável empenho de conservar e aumentar a herança que lhe legaram.

Lutar! lutar sempre, através de todos os sacrifícios, para que não nos tirem aquilo que levou longos anos a realizar, embora sobre ela pese o motejo dos que nada valem, uns porque nada querem valer, outros porque, amarrados a um doentio desalento que há-de matá-los, se deixam guiar pelo ruim sentimento de nada quererem que os outros façam, só porque *êles* nada podem fazer.

A mocidade é a vida em toda a sua pujança, em todo o seu esplendor.

As reclamações clamorosas da gente moça podem não vir impregnadas do sabor da prudência, que na idade avançada se cultiva ás vezes por demais exuberantemente, nem terem aquele pêso da reflexão que o contacto com os homens aconselha.

Mas o certo é que nêsse período da existência humana, o único até, como muito bem diz um notavel escritor moderno, em que a amizade é verdadeira, a agitação febril com que certas causas se defendem, tem o cunho duma sinceridade que merece o respeito de quantos a essas mesmas causas votem um profundo e insofismavel affecto.

SERAFIM RODRIGUES.

10 ou 12 freguesias que pertencem a Guimarães e que a Guimarães desejam ficar pertencendo? Sendo Guimarães um concelho rico e próspero só as freguesias que constituem esse concelho tem de lucrar. Quanto mais rica for a casa, mais abas-

Orfeão Lusitano

Como tinha sido previamente anunciado realizou-se no dia 12 do corrente a visita a esta cidade do bem organizado Orfeão Lusitano, da cidade do Porto.

O espectáculo realizado nesse dia à noite, agradou completamente, excedendo mesmo aquela boa impressão que já tínhamos.

Henrique Salgado pode orgulhar-se do seu grupo coral. A sua proficiencia como maestro está ali bem patente naquela centena de vozes que sem desafinação nos cantam trovas duma suave harmonia.

Gostamos e gostamos muito. O acto de variedades foi muito interessante destacando se os irmãos Mineiro que foram muito aplaudidos.

Maria Carolina, interessante petiza de 9 anos, recita-nos monologos e cançonetes, com uma graça e um à vontade tais, que nos surprenda. Uma promessa muito auspiciosa.

A comédia de Pinheiro Chagas «Quem desdenha...» foi correctamente desempenhada, salientando se no entanto os interpretes D. Maria Afonso e o sr. Francisco Nobre Junior.

Entim foi uma festa que nos deixou gratas recordações.

Parabens à rapaziada do Orfeão Lusitano. BETA.

Sociedade Martins Sarmiento

Fidelino de Figueiredo, um grande nome da literatura portuguesa, professor eminente e espirito cultissimo, veiu até nós, realisando na Sociedade Martins Sarmiento uma conferenciada subordinada ao tema: *Aspecto scientifico da colonisação portuguesa da América*.

Que o assunto foi proficiente e profundamente tratado, com clareza e com lógica, desnecessário é dizê-lo. Foi edificante a enumeração de todos quantos teem, desde há seculos, procurando fazer colonisação no sentido rigorosamente scientifico da palavra. Fazer conhecer a nós a obra productiva dos nossos antepassados illustres, fazer reviver figuras já esquecidas ou desconhecidas, é obra meritória e patriótica.

Bem merece a Sociedade Martins Sarmiento aplausos e simpatia. Trazendo até nós algumas das figuras mais salientes nas Artes, nas Letras e nas Sciencias, o serviço que nos presta é grande e benéfico. Gomes Teixeira, Rui Chianca, Fidelino Figueiredo, Alvaro de Castro, Antonio Sérgio, Trindade Coelho, Mên-des Correia e tantos outros, são nomes de indiscutivel vulto.

tados serão os que a constituem. Deixemo-nos de teorias falsas e de falsos argumentos. Continuemos lutando pela integridade do concelho. Nada de nos deixarmos adormecer. Lutando pela integridade do concelho faremos *un beau geste* tanto para Guimarães como para Vizela.

VILAFLOR.

DA MINHA SEARA

Pela Mulher!

E' tam vasto e duma complexidade tam profunda o assunto que venho desenvolvendo que não sei se terei forças capazes de o levar até ao fim, como é meu desejo, já porque é interessante sob todos os pontos de vista, já pela importância capital que encerra, muito devendo prender a atenção das nossas mulheres, principalmente daquelas que estão num plano de superior intelectualidade ou mesmo das que valem alguma coisa pelo seu dinheiro.

No meu último e pequenino artigo dizia eu, em palavras claras e simples, que as nossas fábricas e oficinas pecavam pela falta absoluta de moral e de hygiene, porque o ambiente que nelas se respira é doentio levando-me a tirar esta dolorosa e triste conclusão—que o trabalho nas fábricas é hoje, como foi ontem e será sempre, a morte lenta do corpo, arrastando-se vagaroso pelas esquinas da prostituição, quando o contrário é que devia de ser, isto é, fortalecer-se a mulher pela sua profissão, torná-la vigorosa diante do perigo do ar vicioso do meio, vigiá-la, enfim, para bem da família, da moral e dos bons costumes.

Tem de se dizer, embora com mágua bem funda, que a maior percentagem de mulheres perdidas vem das fábricas, em primeiro lugar, dos ateliers e oficinas, a seguir. As causas são bem sabidas e os efeitos dessas mesmas causas desastrosos pelo contágio imoral dos indivíduos. Um dos factores principais, talvez o primeiro, direi melhor, que indica a rapariga da fábrica a estrada da prostituição é a exploração que dela se faz exigindo-se-lhe serviços com que não pode em troca de um ínfimo e insignificante salário que mal chega para a refeição do jantar. E' este, pois, um dos grandes males para a futura mulher se almas humanas se não levantarem em sua defeza.

Eu não julgo impossível o remédio, e estou convencida de que se as espôsas, as mães e as filhas dos industriais fabris se interessassem um pouco por essas infelizes, que passam a vida amarga encerradas dentro de altas paredes ouvindo o rodar diabólico das peçadas engrenagens, durante 60 e tantas horas por semana, debaixo dum trabalho constante, canceirosas e humildes, minorando-lhes o infortúnio, exigiam dos senhores industriais mais um pouco de carinho e de alimentação para quem, durante um ano inteiro, trabalhou... para os outros.

Vós, Senhoras! — que também sois mulheres—deveis ter piedade

SONETO

*Aonde vais tu, meu coração? Espera.
Não sejas louco. A vida pouco dura.
Porque andas, tonto, à cata da ventura
se ela não passa de uma vil quimera?*

*Sufoca a ânsia que em teu seio impera
e ascenderás a uma região mais pura,
onde a Alegria límpida perdura
e fulge eterno o sol da Primavera!*

*Vem cá, meu pobre coração. Não sentes
o tumultuar longinquo das torrentes
que hão-de arrastar-te, miserável, não?*

*Deixa a batalha túrgida e revolta
dos frívolos anseios. Anda. Volta.
Volta à paz doutros tempos, coração!*

(INÉDITO)

ARNALDO BEZERRA.

A' MARGEM

dos... últimos acontecimentos...

Foi na tarde de 29 de novembro. Alguns académicos — sangue na guelra, vida estuante, alegria e entusiasmo — passavam pelo Campo da Feira num ruído e festivo zabumbar.

Os mais susceptíveis de ouvido, considerando que aquele dia pertencia aos moços, que pretender pôr obstáculos às suas manifestações seria ridículo, deixaram que livremente e sem peias eles se divertissem. Os que já foram estudantes, todos os que dos tempos passados, nos bancos liceais, conservam ainda uma recordação saudável e todos quantos, mesmo não o tendo sido, sabem compreender e desculpar rapazes, olhavam-nos com agrado e simpatia.

Zabumbavam os moços... Era o dia deles. Horas depois o pinheiro entraria, anunciando *urbi et orbe* o comêço das festas nicolinias. Os moços zabumbavam...

Alguém pretende tentar impedir que toquem, que continuem zabumbando. Esse alguém era um professor. De tímpanos muito delicados, o ruído incomodava-o perturbava-lhe as locubrações filosóficas. Dirige-se, irado e apoplético, para os rapazes. Não os admoesta, não faz valer

a sua qualidade de professor, não lhes diz que se retirem e vão zabumbar para outra parte. Apoplético e irado, guarda chuva em punho, espanca um dos mais novos, um dos mais crianças. Há quem, em voz alta, proteste. quem reprove a insólita atitude. Novo gesto de agressão: — agora é um dos mais idosos, um rapaz de 19 anos, o atingido. O rapaz evita a agressão. Segura-lhe o guarda-chuva, defende, sem ofender, a sua integridade física. No momento, um popular mais exaltado agride o professor...

...Foi assim o caso, nas suas linhas gerais.

Surge depois um inquérito. Procura-se, a todo o transe, de tudo lançando mão, desprezando tôdas as regras, mesmo as mais elementares, do direito e da justiça, salvar a honra do convento. Sobretudo — que o prestígio professoral fique intacto... O professor agrediu? O professor provocou? O professor foi o responsável directo de tudo quanto aconteceu? — Que importa isso... Se o professor foi agredido, se houve quem o molestasse, quem o castigasse corporalmente...

Do inquérito resultou a con-

por essas operárias, que são vossas irmãs,—impondo aos espôsos, aos pais a cristã obrigação que resa o Evangelho — de pagar aos servos o suor do seu rosto.

Sô a mulher deve ser pela mulher—quer o seu corpo se vista de seda ou de riscado, quer calce sapatos ou chinelas, ou ande mesmo descalça—porque tôdas são iguais e sujeitas às leis da natureza e do coração. Não nos deixemos insultar até ao desprezo. Tornemo-nos fortes diante do homem ape-

nas apoiando-nos na defeza que este nos oferece, mas somente quando não pudermos prescindir dela e vermos que não seja uma defeza de ambições cúpidas...

Sôbre este ponto terei de conversar mais devagar, não deixando também de reconhecer, desde já, que se a mulher vive mal de corpo e alma grande culpa tem. Direi depois porquê.

Dezembro—1926.

MARIA CLARA.

MINIATURAS

O «Amor de Perdição»

E' o livro que em Portugal tem sido mais lido.

Meninas romanticas há, então, que trem páginas inteiras metidas na cabeça. Numa terra em que a mulher é d'uma ignorância literária, de estarrecer, é afinal a única coisa de geito que teem lido, por certo.

Simplesmente, e isto é tudo, elas são incapazes de sentir um amor assim tão veemente e tão forte como o que sentiram Tereza e Simão.

Acham tudo aquilo muito lindo mas só na teoria, porque na pratica... meu Deus! calculemos todos o que as nossas mulhersinhas são capazes de fazer na pratica!

Simão Botelho teria de se suicidar logo ao 3.º dia.

E já não se poderia escrever o romance...

RUY DE LANCASTRE.

denação de vários rapazes, de alguns até que nem sequer estavam no local dos acontecimentos. Não foram severos os castigos — foram injustos. Assim nos parece, em consciência, dado o conhecimento pessoal que temos dos factos passados.

Consta-nos que, com o fundamento de que foi ilegalmente empregado o processo disciplinar e baseados nas irregularidades cometidas durante o seu decorrer, vão alguns dos *condenados* recorrer perante quem de direito. Aguardemos o que se passar. Falaremos depois, quando, liquidado o assunto, tudo quanto escrevamos não possa prejudicar o decorrer da causa.

As palavras que escrevemos não significam menos consideração pelo corpo docente do liceu. São palavras iguais às que andam na boca de toda a gente. Devem os professores saber, tam bem como nós, que toda a simpatia do público vai, neste caso, para os rapazes atingidos.

E' necessário, absolutamente necessário que se torne claro aquilo que se diz por aí estar envolvido em espessa escuridão. E se a luz da Verdade ficar brilhando, intangível, o prestígio de todos os professores, seremos nós os primeiros a regosijarmos com isso...

A estupidez põe-se na primeira fila para ser vista; a inteligência põe-se atraz para ver.

CARMEN SYLVIA.